

Teoria da Escolha na Sala de Aula

Conseguir emprego como professor nos Estados Unidos enquanto lecionava na China não foi tarefa fácil. Minha esposa e eu estávamos lecionando inglês ali havia um ano e meio quando fiquei sabendo de uma oportunidade na Associação do Oregon. Após gastar o salário de um mês em telefonemas (equivalente a US\$125), consegui uma entrevista com os administradores da Livingstone Junior Academy, em Salem, Oregon (que recentemente se tornara uma escola de ensino médio). Um dos tópicos que consideraram foi minha familiaridade com as ideias de William Glasser e sua abordagem do aprendizado. Ficou evidente que se fosse trabalhar em Livingstone, precisaria ler o livro *The Quality School*¹ de William Glasser para entender por que os outros valorizavam suas ideias. Esta foi a minha introdução à filosofia da Teoria da Escolha.

Teoria da Escolha

Ao estudar os conceitos da Teoria da Escolha, eles realmente fizeram muito sentido para mim. Não apenas esclareceram as razões do comportamento humano, mas também pareceram explicar da perspectiva bíblica como e por que nos comportamos do modo que fazemos. Na Teoria da Escolha, nos comportamos baseados no que queremos, comparado ao que vemos e conhecemos. Isso requer o poder de escolha. Cada escolha está ligada a uma consequência natural que produz responsabilidade final.

O livro de Gênesis nos dá um vislumbre do estilo do governo de Deus para a humanidade, que enfatiza o poder da escolha. Deus deu a opção ao ser humano de escolher ouvi-Lo ou não. Quando Adão e Eva decidiram desobedecer, tiveram que enfrentar as consequências naturais dessa escolha. Que situação difícil para Deus, que os amava e queria apenas o melhor para eles. Mas em vez de resgatar imediatamente o casal, Deus permitiu que consequências naturais ocorressem. Todavia, em Seu infinito amor, proveu redenção através de Seu Filho, Jesus, se escolhessem aceitá-la.

O que a torna eficaz

Mais que qualquer outra ideia ou estratégia educacional, a Teoria da Escolha mudou não apenas meu modo de ensinar, mas também o modo como conduzo minha vida pessoal. Antes, porém, de discutir como uso a Teoria da Escolha em minha sala de aula, vamos analisar o que a torna tão eficaz. No livro de Glasser, *Choice Theory: A New Psychology for Personal Freedom*², ele compara o progresso da ciência e tecnologia com os avanços nos relacionamentos humanos. Explica que ao mesmo tempo em que a ciência e a tecnologia melhoraram progressivamente, o mesmo



CHRIS SEQUEIRA

não pode ser dito dos relacionamentos humanos. De fato, a qualidade desses relacionamentos pode ter piorado. Glasser acredita que essa deterioração ocorre por causa de nossa dependência do que ele denomina *psicologia de controle externo*, na qual as pessoas tentam controlar os outros usando um ou mais dos *sete hábitos destrutivos*: criticar, censurar, resmungar, queixar-se, ameaçar, punir e subornar ou recompensar para controlar. Para que os relacionamentos tenham êxito, especialmente a longo prazo, esses hábitos precisam ser substituídos pelos *sete hábitos construtivos*: apoiar, encorajar, ouvir, aceitar, confiar, respeitar e negociar diferenças.

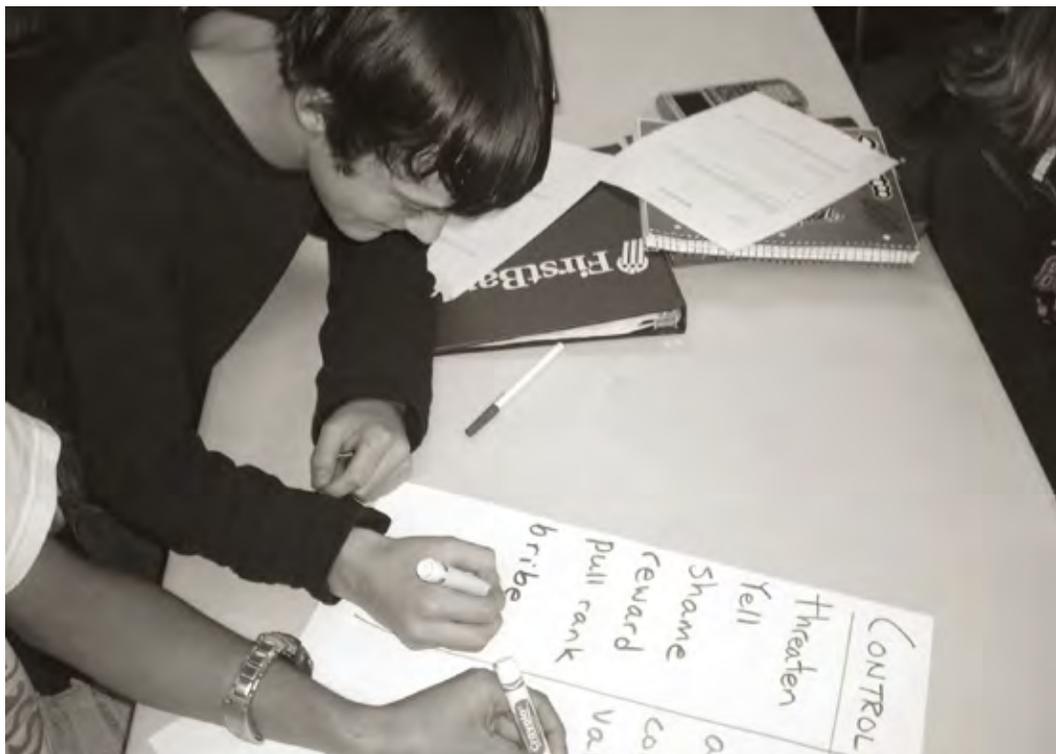
Aprendendo a confiar

Muitas pessoas, geralmente por razões válidas, aprenderam a não confiar em outras. Por acreditarem que não podem confiar em ninguém, até mesmo em pessoas íntimas, tentam satisfazer suas necessidades através de drogas e álcool, atos de violência, ou comportamento promíscuo. Da perspectiva da Teoria da Escolha, é compreensível por que reagem dessa maneira. Se quisermos que os alunos que não estão associados a nós se associem novamente às pessoas importantes em sua vida, precisamos ajudá-los a reaprender a confiar. Para fazer isso, devemos nos concentrar na construção de relacionamentos baseados no respeito e dignidade. Isso os encorajará a trabalhar pela felicidade duradoura em sua vida, em vez de optar por satisfação momentânea.

Vamos agora analisar os fundamentos de como funciona a Teoria da Escolha na sala de aula. Como Glasser declara, para escola ser eficaz é vital ter estrutura não coerciva. Dois ingredientes que contribuem para essa estrutura são *amizades intencionais* e *currículo relevante*.

Amizades intencionais

A Teoria da Escolha ajuda os professores a cultivar a amizade e desenvolver o senso de comunidade na sala de aula. Em sua essência está a ideia de que quase todo comportamento é



escolhido e que nós somos guiados por nossos genes para satisfazer cinco necessidades básicas: sobrevivência, amor e pertencimento, liberdade, diversão e poder. A necessidade mais importante é amar e pertencer, uma vez que relacionamentos positivos são essenciais para satisfazer todas as outras necessidades. (Em minha sala de aula, tenho acrescentado mais uma necessidade, *adoração*. Como cristão trabalhando em escola adventista do sétimo dia, creio que Deus planejou que O buscássemos).

Três tipos de poder

Apesar de “amar e pertencer” serem de vital importância, em minha sala de aula, dedicamos bastante tempo tentando compreender o que acredito ser a maior necessidade para a formação do caráter – a necessidade de poder. É possível ter três tipos de poder: (1) poder sobre algo, (2) poder com algo e (3) poder interior. Em uma tabela, meus alunos e eu escrevemos cada tipo de poder, e então exploramos uma lista de palavras descritivas para cada um deles. Com essa lista, buscamos definições. Por exemplo,

poder sobre algo é como nos comportamos quando consideramos apenas as nossas necessidades. (Isso envolve a aplicação dos sete hábitos destrutivos e a psicologia do controle externo). *Poder com algo*, por outro lado, significa considerar as necessidades dos outros assim como as nossas. *Poder interior* é colocar as necessidades dos outros antes das nossas próprias.

Os últimos dois tipos de poderes – poder com algo e poder interior – usam a Teoria da Escolha e os sete hábitos construtivos. Meus alunos concluíram que a melhor maneira de usar o poder interior é mediante o princípio J-O-Y (Alegria) de Mateus 22:36-40. Isto é, as pessoas só podem experimentar a verdadeira ALEGRIA na vida quando colocam Jesus em primeiro lugar, as necessidades dos outros em segundo, e as necessidades próprias por último.

Isso nos leva a uma pergunta importante: “Essa sala de aula (e a vida em geral) funciona melhor usando regras ou princípios?” Regras requerem “imposição”, princípios revelam o caráter interno. Afinal, concluímos que precisamos descobrir por que



escolhemos fazer as coisas – que é importante ter uma razão para as nossas ações e comportamento. Podemos avaliá-los usando a ferramenta QFAP. Fazemos a nós mesmos quatro perguntas:

Querer – “O que eu quero?”

Fazer – “O que eu faço para conseguir o que quero?”

Avaliar – “Meu comportamento mostra o que quero?”

Planejar – “Como poderia ter agido de modo diferente para conseguir um resultado melhor?”

Os princípios afixados na parede para orientar nossa classe reúnem os Acordos de Jeanne Gibbs no livro *Tribes: A New Way of Learning and Being Together*³ (Tribos: Uma Nova Maneira de Aprender e Estar Juntos), que enfatizam respeito mútuo, ouvir atentamente, apreciar e não rebaixar, e o direito de autonomia e mobilidade; e as Diretrizes Para Toda a Vida de Susan Kovalik no livro *Integrated Thematic Instruction*⁴ (Instruções Temáticas Integradas), que promovem ouvir com atenção, apreciar e não rebaixar, o melhor em cada pessoa, lealdade e confiança. Esses princípios provêm a estrutura diária necessária para o bom andamento na sala de aula.

Controle versus influência

Para ilustrar por que princípios são mais valiosos que regras, criamos

a *Tabela de Controle versus Influência*. Na coluna *Controle* buscamos palavras que descrevem como tentamos controlar os outros e as escrevemos em vermelho. Na coluna *Influência*, escrevemos palavras em verde que descrevem como tentamos influenciar os outros. A meta é tirar *de*, não empurrar *para*. Finalmente, perguntamos: “O que estou fazendo nos aproxima ou nos afasta? Encontramos substituindo as palavras vermelhas de Controle (“imposição”) por palavras verdes de Influência (“princípio”).

Já que é minha tarefa como professor influenciar em vez de controlar os alunos, devo continuar pedindo a eles que desafiem a si mesmos, aprendam mais e cresçam na vida. Reciprocamente, não é tarefa do aluno tentar controlar pessoa alguma. Eles podem influenciar ouvindo, contando sua história ou dando opinião e compartilhando o que sabem.

Tempo e lugar

A seguir analisemos o princípio de “Tempo e Lugar”. Conforme o rei Salomão escreveu em Eclesiastes 3, existe tempo e lugar para tudo. Então ao realizarmos o processo da auto-avaliação, pensamos sobre: “Onde estou?”; “Que tipo de comportamento é aceitável?”; e “Como quero me representar?”. Em vez de fazer uma

preleção aos alunos quanto ao comportamento inapropriado, simplesmente os redireciono, perguntando: “Tempo e Lugar?”

A compreensão e o uso da Teoria da Escolha provocaram mudança em meus pensamentos, bem como no dos meus alunos. Eles começaram a ver a vida pelo lado de fora da caixa. A Teoria da Escolha lhes provê ferramentas para usar ao considerar a perspectiva de outras pessoas bem como para fazer melhoras pessoais. Uma atividade que promove esse tipo de pensamento é chamada de “mais delta” (+ D). Quando os alunos saem da minha sala de aulas no fim do dia, eles compartilham uma atividade + D, mudança positiva que fizeram, ou “recordação” do dia, uma pepita acadêmica que os faz desejar voltar à escola para aprender.

Currículo relevante

Para que nós, como professores, proporcionemos “recordações” acadêmicas, precisamos tornar o currículo relevante a fim de que os alunos vejam as tarefas como sendo proveitosas e aplicáveis à sua vida. Para ajudar meus alunos a compreender o que deve ser o aprendizado, planejo uma atividade de partilha. Começo descrevendo uma habilidade que adquirir, como surfar. Então peço aos alunos que formem duplas e compartilhem “O que é necessário para aprender?” Quando apresentam seu relatório, descobrimos que o desejo e a utilidade são as prioridades na lista. Então os alunos formam duplas e compartilham uma recente experiência de aprendizado.

Após compartilharem suas histórias, fazemos no quadro uma lista das atividades. Depois peço descrições em uma única palavra para o seguinte: “Aprendizado: Como ele é realmente?” Tabela as palavras em duas colunas; sentimentos negativos e sentimentos positivos. Descobrimos que o aprendizado avança em ciclos. Esse processo continua com avanços e retrocessos até atingirmos um nível mais elevado. Então, avançamos em nossas habilidades. Concluo, pergun-

tando: “O que seria diferente se todos usássemos esse tipo de aprendizado em vez do estudo convencional?”. Concluímos que esse esforço ou luta, conforme Sizer e Sizer⁵ gostam de chamá-lo, faz parte do processo de aprendizado.

Quando aprendizes não podem ver ganho algum, ou em outras palavras, gastam muito tempo do lado esquerdo da tabela, perdem o interesse de aprender. Se não existe luta, eles gastam muito tempo no lado direito da tabela, e o aprendizado se torna enfadonho. O verdadeiro desafio do ensino é ajudar alunos a passarem pelo ciclo da direita para a esquerda e de volta à direita para alcançar uma curva de aprendizado progressivo que mantenha e encoraje o interesse deles. A Teoria da Escolha nos convida a mover da avaliação para memorizar à avaliação para análise, criatividade e utilidade para a vida real. Em vez de pedir que os alunos relembrem quem fez algo, o que eles fizeram, onde e como foi feito, peça que analisem,

avaliem, criem, suponham, apliquem, implementem, coloquem em prática e demonstrem o uso.

Praticamos...

Conforme utilizo a Teoria da Escolha na sala de aula, também encorajo meus alunos a aplicar tais princípios na escola e em toda a vida. Juntos, buscamos influenciar e não controlar. Tentamos basear nossas decisões na classe bem como em nossa vida espiritual em princípios, não em regras. Quando temos um conflito, nós o resolvemos sem ferir os outros. Pensar do lado de fora da caixa e trabalhar na melhora contínua são duas de nossas metas. Procuramos ser aprendizes a vida inteira.

Como professor adventista, meu propósito não é apenas desenvolver cidadãos responsáveis mas também ajudar meus alunos a serem bem sucedidos e felizes agora e por toda a eternidade. A Teoria da Escolha me proporciona modelo bíblico para alcançar essas metas.



Chris Sequeira

nasceu e cresceu na África com seus pais missionários. Agora, ensina matemática, saúde e habilidades para a vida no campo na Livingstone Ad-

ventist Academy em Salem, Oregon. Durante o verão, ele trabalha meio período para Susan Kovalik and Associates conduzindo Model Teaching Week in Integrated Thematic Instruction (Semanas de Ensino Modelo em Instrução Temática Integrada).

REFERÊNCIAS

1. William Glasser, *The Quality School: Managing Students Without Coercion* (New York: Harper Collins, 1990).
2. _____, *Choice Theory: A New Psychology for Personal Freedom* (New York: Harper Collins, 1998), p. 9.
3. Jeanne Gibbs, *Tribes: A New Way of Learning and Being Together* (Santa Rosa, Calif.: Center Source Systems, 1995).
4. Susan Kovalik e Karen Olsen, *ITI: The Model—Integrated Thematic Instruction* (Kent, Wash.: Books for Educators, 1993).
5. Theodor Sizer e Nancy Sizer, *The Students Are Watching: Schools and the Moral Contract* (Boston: Beacon Press, 2000).

